



Estudo de resenhas no ensino superior à luz da perspectiva do estilo dos gêneros

Study of reviews in higher education in light of the perspective of genre style

Daniervelin Renata Marques PEREIRA*

RESUMO: Este artigo parte da problemática do ensino de gêneros acadêmicos no ensino superior, especificamente na abordagem do gênero resenha. Fazemos uma análise do gênero resenha em contexto de entretenimento midiático e no contexto acadêmico, a partir de três exemplares de cada um. Em seguida, mostramos uma proposta didática de abordagem das resenhas no ensino superior nos apoiando em resultados da primeira análise e utilizando a experiência vivenciada em uma disciplina de introdução à pesquisa científica de uma universidade federal, em que esse gênero integra a ementa. Para a análise do gênero resenha, aplicamos a metodologia de análise discursiva do estilo do gênero, associando o percurso metodológico da semiótica francesa aos estudos de gênero de Bakhtin. Essa relação é considerada proveitosa teoricamente para os estudos do estilo do gênero, que levam em conta a recorrência de um modo de ser de um determinado gênero em suas várias realizações. A sistematização dos resultados mostra que os estudos do estilo do gênero podem contribuir na melhor compreensão dos gêneros discursivos, já que permitem depreender seu modo próprio de construção e circulação em cada esfera de comunicação. A comparação de um mesmo gênero (resenha) em contextos diferentes – midiático e acadêmico – pode facilitar a abordagem em sala de aula e propiciar uma interação que vá do mais informal ao mais formal, acompanhando a orientação do gênero nos dois contextos. Com esta pesquisa, relacionamos resultados de pesquisas teóricas a aplicações práticas, buscando contribuições para o ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros acadêmicos. Resenha. Estilo do gênero.

ABSTRACT: This article starts from the problem of teaching academic genres in higher education, specifically in the review genre approach. We analyze the review genre in the context of media entertainment and in the academic context, based on three examples of each. Next, we show a didactic proposal for approaching reviews in higher education, based on the results of the first analysis and using the experience in an introduction to scientific research course at a federal university, where this genre is included in the syllabus. To analyze the review genre, we applied the methodology of discursive analysis of the genre's style, associating the methodological path of French semiotics with Bakhtin's genre studies. This relationship is considered theoretically useful for studies of the style of the genre, which take into account the recurrence of a way of being of a given genre in its various realizations. The

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, professora da Universidade Federal de Minas Gerais. drenata@ufmg.br

systematization of results shows that studies of genre style can contribute to a better understanding of discursive genres, as they allow us to understand their own way of construction and circulation in each sphere of communication. Comparing the same genre (review) in different contexts – media and academic – can facilitate the approach in the classroom and provide an interaction that ranges from the most informal to the most formal, following the orientation of the genre in both contexts. With this research, we relate results from theoretical research to practical applications, seeking contributions to higher education. **KEYWORDS:** Academic genres. Review. Style of the genre.

Artigo recebido em: 10.12.2023

Artigo aprovado em: 01.02.2024

1 Introdução

Auxiliar no desenvolvimento dos letramentos acadêmicos de estudantes do ensino superior pelo trabalho a partir de gêneros textuais/discursivos tornou-se nos últimos anos um foco de cursos universitários, especialmente das faculdades de Letras. Exemplo disso é a publicação e impacto da obra “Produção textual na universidade”, de Motta-Roth e Hendges (2010), e de uma coleção de obras da Parábola chamada “Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos”, como: Resenha; Resumo e Planejar gêneros acadêmicos (Machado; Lousada; Abreu-Tardeli, 2004a, 2004b, 2005), entre outros vários textos com o objetivo de auxiliar docentes e discentes no ensino-aprendizagem de gêneros acadêmicos de acordo com seu contexto de produção e circulação.

Não se trata apenas de dominar alguns recursos linguísticos e composicionais para escrita de um artigo científico, de um projeto ou uma resenha, por exemplo, como a escolha de pessoa gramatical para garantir formalidade, correção gramatical e disposição das informações ao longo das páginas, mas de compreender o porquê de cada uso, de seus efeitos de sentido, das relações de poder e autoridade envolvidas na interação prevista entre autor e leitor, do papel desses gêneros na comunicação acadêmico-científica e da necessidade de aprendizagem e prática da escrita e leitura desses gêneros pelos estudantes.

Nesse contexto de estudos dos gêneros acadêmicos no ensino superior, espera-se do professor a capacidade de formar os estudantes para produzirem com qualidade e criticidade textos em várias práticas de sua vida acadêmica, como, por exemplo, a produção de trabalhos em disciplinas, leitura e escrita na iniciação científica e a participação em experiências da pós-graduação.

Nossa experiência na docência do ensino superior com o letramento acadêmico é convergente com a observação de Araújo e Bezerra (2013, p. 19): “a pouca (ou nenhuma) familiarização com os gêneros acadêmicos – o que é bastante natural – gera dificuldades no processo de adaptação do estudante às práticas discursivas da universidade”. Para lidar com isso, especialmente no percurso inicial dos graduandos, apostamos na sensibilização a partir do trabalho que comece de forma mais lúdica e interativa com textos e experiências do cotidiano deles para uma introdução mais fluida a texto e experiências menos conhecidos.

A partir de uma pesquisa sobre análise semiótica de gêneros digitais, pretendemos apresentar um modelo de ensino-aprendizagem de gêneros acadêmicos, tomando como exemplo o estudo comparativo de resenhas acadêmica e não acadêmica. Para isso, o modelo toma como base a estilística discursiva, com o estudo dos gêneros na perspectiva bakhtiniana associados ao estudo dos textos pela semiótica francesa.

2 Estilo do gênero

Na estilística discursiva, considera-se que do enunciado (gênero) emerge o estilo pelo modo próprio como o sujeito toma a palavra, respondendo ao outro. Identificado numa totalidade, o estilo é um corpo homogêneo depreendido na regularidade de procedimentos discursivos articulados entre si e só possível diante do inevitável embate interdiscursivo (Discini, 2015b), dialógico por excelência, conforme a filosofia de Bakhtin. O estilo, assim, é “depreendido como enunciação pressuposta a um conjunto de enunciados” (Discini, 2010, p. 210).

Os gêneros, apreendidos aqui na perspectiva discursiva, são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 1997), o que marca sua relação entre estabilidade e instabilidade, própria da práxis enunciativa, já que ele é tomado

em sua complexidade, considerando o caráter instável, variável e mutável [...], mas sem deixar de observar certas recorrências, certa invariância que permite tornar a interação discursiva mais eficaz e imediata, inserindo-se num universo de expectativas compartilhadas pelo enunciatador e pelo enunciatário, fixadas pelo uso, construindo convenções (Gomes, 2009, p. 576).

Nessa estilística discursiva, entrelaçam-se as componentes bakhtinianas às categorias semióticas em busca das recorrências que permitem chegar ao estilo. Esse entrelaçamento pode ser feito após a análise semiótica, ou mesmo de forma articulada já desde o início do procedimento de análise (Pereira, 2021).

De acordo com Pereira (2021), a partir de estudos do estilo do gênero de Discini (2010, 2015b), o procedimento para estudo dos gêneros discursivos pode trilhar o seguinte percurso:

- Seleção, descrição e categorização dos enunciados de um gênero que se pretende analisar, facilitando a compreensão de seu conteúdo ao leitor.
- Análise semiótica de cada um dos enunciados, segundo percurso gerativo de sentido e elementos do plano da expressão – em textos em que sua presença agrega novos significados – de forma integrada e segundo especificidades do objeto.
- Análise das componentes do gênero (estrutura composicional, temática e estilo), relacionando recorrências encontradas na análise semiótica.
- Depreensão de um modo próprio de ser do gênero a partir das análises anteriores, afirmando-se, ao final, qual é o estilo do gênero em questão.

Nessa construção metodológica, as relações entre a semiótica francesa e os estudos dos gêneros discursivos pela ótica de Bakhtin têm sido vistas como vantajosas

e coerentes, já que as duas perspectivas convergem no interesse pelos estudos relativos à enunciação e ao discurso.

A semiótica francesa entende o texto como um objeto de significações, sendo ele uma totalidade de sentido. Ele é entendido como a junção de um plano de conteúdo (discurso) e uma expressão (materialidade pela qual o discurso se manifesta). Essa semiótica se preocupa em estudar os mecanismos de produção de sentido no texto, desenhando-se como uma teoria gerativa, geral e sintagmática:

[É] uma teoria sintagmática, porque seu escopo é estudar a produção e a interpretação dos textos. É geral, porque se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação. Postula que o conteúdo pode ser analisado separadamente da expressão, uma vez que o mesmo conteúdo pode ser veiculado por diferentes planos de expressão (por exemplo, uma negativa pode ser manifestada pela palavra não ou por um gesto da cabeça ou do indicador). É, por conseguinte, uma teoria geral dos textos, quer se manifestem verbalmente, visualmente, por uma combinação de planos de expressão visual e verbal, etc. [...]. É uma teoria gerativa, porque concebe o processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, num processo de enriquecimento semântico (Fiorin, 1995, p. 166-167).

Nesse percurso gerativo de sentido, citado por Fiorin (1995), o semioticista encontra recursos para operacionalizar a análise do conteúdo dos textos, já que cada nível (fundamental, narrativo e discursivo) apresenta categorias de sintaxe (mecanismos que ordenam os conteúdos) e de semântica (conteúdos que preenchem os arranjos sintáticos) que permitem um estudo detalhado do texto. No nível fundamental, podemos analisar as oposições gerais mais abstratas pressupostas no texto, como vida vs. morte, natureza vs. cultura, liberdade vs. opressão, que são valoradas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas) no discurso. No nível narrativo, a transformação de estado do sujeito em relação ao objeto orienta o início de uma narrativa: de conjunção com o objeto para disjunção ou vice-versa. A noção de narrativa mínima baseada em transformação de estados, a que chamamos

narratividade, é suficientemente geral para estar presente em uma teoria geral do texto, já que pode ser encontrada em qualquer texto e não só naqueles do tipo narrativo. As transformações acontecem em um esquema narrativo canônico: manipulação, competência, performance e sanção. Essas fases da sequência têm implicação recíproca e nem todas precisam ocorrer em uma narrativa. No nível discursivo, as estruturas narrativas são concretizadas por temas e figuras. Sendo o nível mais superficial do texto, temos nele a discursivização pela instauração de pessoas, espaços e tempos.

Essa é apenas uma síntese que não pretende esgotar as categorias nem a complexidade dos recursos teóricos da semiótica, mas apenas apresentar brevemente o que pode ser mais bem compreendido em obras introdutórias da semiótica, como “Teoria do discurso”, de Barros (2001) e “Elementos de análise do discurso”, de Fiorin (2006). Além dessa perspectiva greimasiana da semiótica, outros desdobramentos mais recentes podem complementar e enriquecer o estudo semiótico, como os regimes de interação da Sociosemiótica e os regimes de sentido da Semiótica Tensiva, por exemplo.

Bakhtin, por sua vez, identifica três componentes constitutivas de um gênero do discurso: estrutura composicional, temática e estilo. “Esses três elementos [...] estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (Bakhtin, 1997, p. 261-262). Baseado nos estudos de Bakhtin (1997), Fiorin (2008, p. 5) lembra que “a temática não é o assunto de que trata o texto, mas é a esfera de sentido de que trata o gênero”, ou as “considerações semântico-objetais”, segundo o próprio Bakhtin (1997, p. 282). Além da temática em si, Pereira (2013, p. 103) afirma que “[o]s gêneros distinguem-se, também, quanto ao modo de tematizar no conjunto de enunciados que compõe cada totalidade, mobilizado de acordo com o contexto no qual se inscreve e com o endereçamento do enunciado (para quem é direcionado)”. A estrutura composicional se define como “determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu

acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” (Bakhtin, 1997, p. 266). Analisar a estrutura composicional de um gênero depende, assim, da identificação cuidadosa de todas as suas marcas formais constitutivas. O estilo, que Bakhtin trata como “estilo da linguagem” ou “estilo linguístico”, é identificado nos “recursos linguísticos, fraseológicos e gramaticais da língua” (1997, p. 262). Além de recursos expressivos da língua, talvez possamos falar em recursos multimodais que, em textos não só verbais ou não verbais, possam se manifestar estilisticamente nos textos, como recursos visuais e sonoros.

Segundo compilação de Pereira (2021), no entrelaçamento de categorias da semiótica francesa com as três componentes bakhtinianas, pode-se identificar como possibilidades para o estudo do estilo de um gênero:

Estrutura composicional: Categorias da enunciação (pessoa, tempo, espaço – eu, aqui, agora em relação ao ele, lá, então –, operações de actorização, temporalização e espacialização que compõem a sintaxe do discurso, figurativizadas segundo antropônimos, cronônimos e topônimos); recorrências no âmbito da sintaxe da frase (opção por subordinação ou coordenação, ordem direta ou inversa), que, relacionadas às categorias já citadas, produzem certos efeitos de sentido que sedimentam um modo próprio de compor; mecanismos de citação do discurso de outrem; organização textual própria do gênero (ex.: presença de seções, forma das unidades (verso, parágrafo etc.), sua ordenação e dimensão e tipos textuais predominantes); mecanismos de textualização – linearização e elastização –; e organização no nível da expressão.

Temática: Ancoragem em determinado domínio do sentido, depreendido por operações que compõem a semântica do discurso.

Estilo: expressividade constitutiva do enunciado ou “expressividade padrão de um gênero” (Bakhtin, 1997, p. 314). Tom de voz que se manifesta a partir da escolha de recursos linguísticos. Como exemplo, podemos citar a escolha vocabular (formas verbais típicas, presença ou ausência de adjetivos, pronome de tratamento escolhido,

uso de jargões, gírias, abreviações, internetês, entre outros), emprego de figuras de linguagem; recursos multimodais como cores, imagens, figuras; pontuação; marcas de oralidade ou de “escrituralidade”, que, como efeito, desencadeiam um tom mais humorado, mais formal/informal, de pessoalidade/impessoalidade, ou mais sério, por exemplo.

No percurso de análise, não se pode desconsiderar a interrelação dessas componentes e, também, o papel condicionador das esferas de comunicação nas quais os gêneros se inscrevem. Segundo Discini (2015a, p. 22), é possível criar “antecipações de um estilo oferecidas pelas diversas esferas de comunicação”. Se da esfera acadêmica podemos ter expectativas de uma linguagem direta e formal, que contribua para o efeito de distanciamento e de familiaridade com os protocolos acadêmicos que regem as relações sociais nesse meio, da esfera humorística a expectativa é de informalidade e jogos de linguagem, o que também dialoga com o quadro de valores dela.

Esse percurso de estudo do gênero pode ser feito pelo professor, que depreende as características principais que precisa apresentar aos seus alunos ou mesmo pelo estudante, orientado pelo professor, quando estuda detidamente as características de alguns textos que tem às mãos para gradativamente construir seu conhecimento sobre o gênero em questão.

3 O estilo do gênero resenha

Para demonstrar como o modelo de estudo do estilo do gênero – a partir do percurso citado na seção anterior – funciona, selecionamos para análise três resenhas não acadêmicas disponíveis na internet, onde costumam circular:

- Resenha 1: “Review (08x06) | *Game Of Thrones* entrega bom fim após temporada com deslizes”¹ Resenha 2: “Review do LG K51S: celular tem preço baixo, mas peca em quase tudo”²;

¹ Disponível em: <https://popcultura.com.br/2019/05/20/review-08x06-game-of-thrones>

² Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/review/review-do-lg-k51s-preco-ficha-tecnica.ghtml>

(1) Resenha 3: “[Resenha] O Sol na Cabeça”³.

e três resenhas acadêmicas:

- Resenha A: CAMPOS, Paulo Tiago Cardoso. Resenha de: WELLS, H. G. *Uma breve história do mundo*. Tradução Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- Resenha B: BRUM, Ceres Karam. Resenha de: ROCHA, R. P. *Quando ninguém educa: questionando Paulo Freire*. Editora Contexto, São Paulo: 2017. 160 p.
- Resenha C: COSCARELLI, Carla Viana. GOMES, Luiz Fernando. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011. 120 p.

O critério para a seleção das resenhas não acadêmicas foi a diversidade de objetos resenhados e, para as resenhas acadêmicas, a diversidade de autores, temas e disponibilidade na internet.

Esclarecemos que consideramos os exemplos tomados como sendo de um mesmo gênero, a resenha, adaptado às diferentes esferas em que circula, midiática e acadêmica, nesta seleção feita. Isso se justifica pela estrutura semelhante, como se verá nas análises, que estabiliza características essenciais das duas partes em estudo (diferenciadas pelo estilo e pela esfera de atividade) em uma mesma totalidade.

3.1 Resenha não acadêmica

A Resenha 1, publicada no site Pop Cultura por Giullia Gusmão em 20 de maio de 2019, trata do episódio final da oitava e última temporada de *Game of Thrones*, seriado americano que foi gravado de 2011 a 2019. O episódio resenhado veio ao ar no dia anterior, dia 19 de maio de 2019. A Resenha 2, de Vitor Grama, publicada em 22 de outubro de 2020 no site TechTudo, da Globo.com, apresenta um smartphone recentemente chegado ao Brasil na época. A Resenha 3, de Tainara Machado, foi publicada em 02 de outubro de 2018, no *blog* Achados & Lidos. Trata-se da resenha do livro “O Sol na Cabeça”, de Geovani Martins (publicado pela Companhia das Letras).

³ Disponível em: <http://www.achadoselidos.com.br/2018/10/02/resenha-o-sol-na-cabeça/>

Em uma análise semiótica do conteúdo das três resenhas apresentadas podemos observar, pela sintaxe discursiva, divide marcas de impessoalidade com o uso de terceira pessoa com a ocorrência de primeira pessoa pelos narradores de cada discurso: “Em termos gerais, minha sensação em relação à conclusão de *Game Of Thrones* foi de satisfação” (Resenha 1); “Porém, na minha opinião, foi um espaço usado desnecessariamente no aparelho.” (Resenha 2); “Como contei aqui, esses foram os dois livros selecionados para abril em um clube de leitura do qual participo.” (Resenha 3). Essa presença do eu em meio ao emprego do ele mostra que o gênero não sofre uma determinação rígida para uso exclusivo de pessoa, mas mantém certa flexibilidade para deixar emergir o eu do enunciador posto no conjunto dos enunciados. O actante da enunciação eu é figurativizado por nomes dos autores que respondem por publicação, sendo elas inscritas geralmente em uma instância enunciativa hierarquicamente superior, agências públicas como Globo.com e MTV. Apenas a publicação em *blog* tem como instituição uma comunidade chamada Achados & Lidos, sendo o autor da resenha membro dela.

Duas das resenhas (2 e 3) são escritas no tempo presente, característico do tipo mais descritivo, que sobressai na exposição e avaliação do celular e da obra literária. Diferentemente, a Resenha 1, do último episódio do seriado, esbanja verbos no passado, na narração de seu conteúdo e na avaliação geral da obra. Assim, podemos dizer que a escolha do tempo depende da obra/produto resenhado: o sistema do presente é próprio da resenha de produtos e obras que se tem à mão e se dedica a descrever e avaliar; o pretérito perfeito, de anterioridade ao momento do acontecimento e o momento de referência presente, é típico de uma resenha que se volta para um evento pontual (no caso a projeção de um determinado episódio em data anterior). Ambos os casos são do tempo enunciativo, já que o tempo de referência é o presente, momento em que se trata do objeto em questão. Em sites da internet, geralmente a situação enunciativa é partilhada: identifica-se, facilmente, o site onde o texto foi publicado, o endereço (link) e a distribuição das informações ao longo de uma

página. Todas as resenhas selecionadas são digitais; portanto, tem a informação de localização bem clara. O espaço linguístico é o do eu, que se coloca em um aqui e um agora. Em relação a ele se estabelecem algumas relações, como: “Abaixo, há spoilers sobre o capítulo” (Resenha 1). Percebe-se, nesse caso, o ponto de referência inscrito no enunciado a partir do qual o advérbio se inscreve em uma categoria de direcionalidade, especificamente de verticalidade. Observa-se ainda presença do espaço tópico para apontar espaços dos objetos descritos e avaliados, como nestes casos: “O botão localizado abaixo dos controles de volume não pode ser personalizado com outras funções.” (Resenha 2) e “Nem todos os contos do livro, contudo, têm a força desses dois primeiros.” (Resenha 3).

Na semântica discursiva, encontramos variados temas e figuras, que buscamos organizar em percursos temáticos e figurativos mais gerais. O ator da enunciação é figurativizado por nomes próprios. Em alguns casos, essa figurativização é exacerbada e iconizada pela presença de foto e uma apresentação biográfica do autor, feita em tom acadêmico, filosófico e humorístico:

“XXXX⁴. Beatlemaníaca. Jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero e fundadora do Pop Cultura! Tentando transformar minha vida em uma sitcom americana” (Resenha 1).

“XXXX. Acredita que a paz interior só pode ser alcançada depois do café da manhã, é refém de livros de capa bonita e não pode ter nas mãos cardápios traduzidos. Formou-se em jornalismo na ECA-USP” (Resenha 3).

Resulta dessa iconização do ator da enunciação uma responsabilização pelo dito, geralmente moralizada positivamente pela sociedade.

No percurso temático do consumo de bens, temos, por exemplo, temas como “satisfação”, “possibilidades”, “potencial” (Resenha 1); “preço”, “valores”, “desconto”, “faixa de preços de concorrentes mais atrativos” (Resenha 2);

⁴ Omitimos os nomes com uma sequência de “X” para evitar exposição das identidades.

“divulgação” (Resenha 3). Figuras que preenchem esse percurso temático são: “séries derivadas” (Resenha 1); “preço sugerido de R\$ 1.499”, “comprar o LG K51S”, “balança”, “na faixa de R\$ 1.090”, “consumidor”, “hora da compra” (Resenha 2); “direitos vendidos”, “vale ler” (Resenha 3). Podemos ainda mencionar nesse percurso figurativo as figuras que se manifestam em imagens publicitárias que povoam todas as páginas das resenhas não acadêmicas.

No nível narrativo, temos um actante constituído como destinador que é dotado de um *saber-ser* e um *saber-fazer*, necessários para que o resenhista assuma o papel de competente para falar do objeto, ser aceito pela instituição que acolhe seus textos (POP Cultura/MTV; TechTudo/Globo.com e Achados & Lidos) e potencial para atingir o público-alvo que se identifica com o objeto e tema abordado. Em comunicação participativa⁵, o objeto que ele tem e oferece em manipulação por tentação a seus destinatários são bens materiais e culturais que carregam o valor de integração social. Nas resenhas não acadêmicas analisadas, pode-se identificar que os objetos ofertados têm tanto valores modais: pelo *poder* e *saber* que ter uma opinião sobre um seriado, um celular e um livro podem dar ao sujeito cognitiva e socialmente, como valores descritivos, em alguns casos: um celular é um bem utilitário e consumível (“O LG K51S é um celular da LG que traz como destaque a câmera quádrupla de até 32 MP.”), além de social (“atender às expectativas dos fãs de Hollywood que gostam de assistir filmes e séries pelo celular”, “surfando na internet e navegação nas redes sociais”).

Observa-se, na análise desses textos, que nem sempre o destinador manipula o destinatário a *querer* o objeto em questão, mas pode também levá-lo a *querer conhecer* aspectos negativos, ou aspectos mais críticos, sobre esse objeto. Ou seja, mais do que entrar em conjunção com o objeto, o sujeito deve buscar um conhecimento crítico sobre ele. A maioria dos destinatários pode já ter o objeto tema do discurso (investidos

⁵ Ocorre quando a doação de um objeto pelo destinador não implica sua renúncia, já que ele é compartilhado. É o caso, por exemplo, de objetos de saber que professor e alunos partilham sem que nenhum seja privado do objeto, como ocorre com objetos materiais (Greimas, 2014).

semanticamente como seriado, celular, livro) e a resenha oferecer a eles um objeto mais abstrato: um olhar diferente, experto, sobre esse objeto. Entretanto, ressalta-se que, no caso do celular, a resenha serve antes de tudo ao destinatário na decisão de aquisição ou não do objeto. É o que podemos perceber neste trecho: “o smartphone não deve agradar usuários que buscam uma experiência de uso excelente” (Resenha 2), que combina com a avaliação negativa que predomina em toda a resenha, desestimulando o leitor na escolha do aparelho. Destaca-se, por fim, a importância do percurso da sanção nessas narrativas, pois o destinador-julgador se manifesta frequentemente na avaliação do fazer os sujeitos envolvidos na produção dos objetos resenhados.

No nível fundamental, mais abstrato e profundo, encontram-se as categorias semânticas básicas, concretizadas nos níveis narrativo e discursivo. Ressalta-se a oposição semântica identidade *versus* alteridade, já que as três resenhas se assentam em escolhas pessoais dos enunciadorees, baseadas em uma identificação com sua geração, com leituras prévias que alimentam um olhar crítico, com conhecimentos específicos, gostos e desgostos em relação a seus objetos de crítica. Também quem chega aos textos é levado por uma identificação não só com o objeto da resenha como também por uma forma peculiar de vê-lo. Importante notar que a identidade não se manifesta apenas em relação ao objeto resenhado, mas a outros objetos que a ele são atrelados na argumentação, como podemos ver em duas das resenhas: “Celulares de 2019 nesta mesma categoria conseguem gravar em 4K, como é o caso do Moto G8 Plus e Motorola One Vision” (Resenha 2) e “Tentar conter o consumo via repressão policial, já vimos, falhou, uma realidade mostrada de forma ainda mais evidente em “O Dono do Morro”, do jornalista inglês Misha Glenny. [...] Por isso, embora os pontos de vista, abordagens e estilo sejam completamente diferentes, vale ler primeiro O Dono do Morro, depois O Sol na Cabeça.” (Resenha 3). Enquanto a identidade é em geral euforizada, o que foge a ela, a alteridade, é disforizada e alimenta o que é próprio da resenha, isto é, a avaliação crítica de algo, com indicações finais do tipo “vale a pena” ou “não vale a pena” consumir X.

Em termos tensivos, observamos assimetria na relação entre afetividade (intensidade) e informatividade (extensidade). A afetividade se manifesta de forma moderada com o emprego de primeira pessoa, como mostramos anteriormente, e recursos interativos: uso de expressões avaliadoras mais informais, como “Mesmo o caso de **Bran Stark**, que não queria ser rei, fez total sentido” (Resenha 1) e “O tamanho pode ser visto como um ponto positivo por pessoas que gostam de painéis amplos, assim como eu” (Resenha 2). Embora esses traços tornem essas resenhas mais pessoais que gêneros como sinopse e descrição do produto, por exemplo, ainda assim o que percebemos como recorrência nesses três textos foi uma objetividade e contenção da afetividade que costuma caracterizar gêneros digitais. A informatividade prolifera na descrição do objeto e argumentos na sua avaliação, o que é importante para adesão do público. Semelhante a outros gêneros digitais, o regime do universal (participação de todos) é preponderante em relação ao regime do absoluto (participação de poucos). Espera-se, assim, que haja divulgação do texto produzido, sendo o espaço de comentários uma forma de abrir o espaço para, além da leitura, a interação com o autor e com outros leitores sobre o assunto da resenha.

Diante dessa rápida análise, que poderia ainda envolver mais conceitos da semiótica, nos debruçamos sobre as componentes do gênero, procurando relacionar os resultados da análise semiótica com aspectos da estrutura composicional, temática e estilo desse gênero.

Na estrutura composicional, após imagem inicial do objeto da resenha, identificamos como marcas a **apresentação inicial** dele:

- “Durante a noite deste domingo (19), a HBO exibiu, em todo o mundo, o episódio final da oitava e última temporada de *Game Of Thrones*. Abaixo, há spoilers **sobre o capítulo:**” (Resenha 1),
- “**O LG K51S é um celular da LG que traz como destaque a câmera quádrupla de até 32 MP.**” (Resenha 2),
- “Geovani Martins tem apenas 26 anos, mas seu romance de estreia, *O Sol na Cabeça* (Companhia das Letras, 119 páginas), teve ampla divulgação por sua editora, recebeu elogios de Chico Buarque e já teve direitos vendidos

para mais de nove países.” (Resenha 3).

Como nesses exemplos, o texto é marcado pela presença de *links*, sendo um texto essencialmente hipertextual. Após a apresentação, é feita uma **descrição do objeto** acompanhada de prós e contras em relação ao objeto escolhido, sendo essa **avaliação** iterativa ao longo da descrição. Finaliza-se com uma recomendação explícita ou implícita no fechamento do texto. Importante destacar como marca composicional a presença do **espaço de comentários**, nem sempre muito utilizado: apenas a resenha 3 conta com três comentários e a resenha 2 teve o espaço fechado a essa manifestação. Na resenha 2, acrescenta-se ainda um quadro final com prós e contras do celular avaliado em aspectos técnicos (*design*, desempenho, tela, câmera e bateria) e uma nota numérica final a partir da somatória de pontos nos aspectos. Todas as resenhas em site, com exceção da resenha 3 que foi publicada em *blog*, têm **espaços dedicados à publicidade**. Em geral, os anúncios estão relacionados aos comportamentos de consumo do leitor.

Fazem parte da estrutura composicional também as operações de debreagem enunciativa, com instalação de *eu*, *aqui*, *agora*, e a referência ao enunciatário ora implícita, quando se usa em *ele* no lugar de *tu*: “Para quem ainda assim prefere escolher o LG K51S, ele é visto na faixa de R\$ 1.090. Por este valor, o consumidor pode contar com bateria de longa duração e certificação militar.” (Resenha 2), ora explícita: “Esperamos que aproveitem a leitura!” (Resenha 3).

Essa estrutura composicional sustenta a temática da avaliação escrita (com ou não presença de imagens) de objetos diversificados (geralmente um único para cada enunciado do gênero) a partir da demonstração visual do seu uso (em caso de objetos físicos) ou indicação e/ou explicitação de trechos (em caso de obras) de onde emerge a recomendação ou não do objeto resenhado. A **tematização do consumo** a partir das figuras desse objeto funcionam como forma de estimular ou não o acesso/uso pelo público-alvo.

A **discussão com avaliação** nas resenhas não acadêmicas tende ao estilo mais informal, contraído da esfera midiática, sem deixar de criar um efeito de responsabilidade, credibilidade e criatividade pelo domínio que o autor pretende demonstrar sobre o que apresenta, descreve, avalia e recomenda (ou não). Um vocabulário simples, expressões de avaliação pessoal e alguns termos específicos à área do objeto resenhado, importante para a credibilidade do locutor, se equilibram para tornar o texto mais acessível, mas, ao mesmo tempo, garantir um tom de especialização do objeto e de seu contexto de circulação.

Podemos concluir, assim, sobre o estilo da resenha midiática (não acadêmica) que serve ao maior conhecimento sobre um objeto, por meio de sua descrição e avaliação por um enunciador que se coloca como especialista, ou pelo menos interessado, em relação a ele. Sua composição e temática orientam um tom informativo e mais informal, sendo a informatividade um trunfo para a tão esperada divulgação, além da interatividade no diálogo com o enunciatório.

3.2 Resenha acadêmica

Sobre resenhas acadêmicas, contamos com boas referências que não só apresentam sua estrutura genérica, como também contribuem com exercícios didáticos de escrita de resenhas, como Andrade (2006) e Motta-Roth e Hendges (2010). Assim, já sabemos informações valiosas sobre sua organização, como a estrutura composta pelos movimentos principais de apresentar, descrever, avaliar e recomendar, por exemplo. Ainda assim, a seguir faremos um exercício de analisar três resenhas acadêmicas selecionadas, de modo a aplicar a metodologia que apresentamos como alternativa de estudo do gênero e também para fazer um paralelo com os resultados da análise já feita para resenhas não acadêmicas.

Entre as resenhas acadêmicas selecionadas, a Resenha A, de Campos (2013), trata de uma obra da área de História: “Uma breve história do mundo”. A Resenha B, de Brum (2018), volta-se para uma obra do cenário educacional: “Quando ninguém

educa: questionando Paulo Freire”. Por fim, a Resenha C, de Coscarelli (2012), ocupa-se do livro “Hipertexto no cotidiano escolar”, que relaciona linguagem e tecnologias.

Considerando o nível discursivo da semiótica francesa, podemos destacar que esses textos são predominantemente temáticos, como é característico de muitos textos acadêmicos, cuja função é explicar fatos observáveis no mundo (Fiorin, 2006). São exemplos de temas que aparecem nas resenhas: leitura, linguagem, história, ideias, pensamento, publicação, educação, teia de significados, pesquisa, teorias, conhecimento, entre outros. Mas observa-se também, em menor número, figuras que concretizam esses temas, como: leitor, aluno, professor, escola, livro, Brasil, hipertexto, leitores, *links*, entre outras. Em conjunto, os temas parecem se organizar no percurso temático do fazer científico, figurativizado pelos atores participantes do cenário científico (os autores das obras) e de atores específicos da esfera de atividade em foco (ex.: na esfera educacional, aparecem os professores e os alunos). O actante da enunciação eu é figurativizado por nomes dos autores que respondem pela publicação, cujo responsável é uma figura que também confere legitimidade e credibilidade ao texto do enunciador: as revistas científicas (Fronteiras, Revista Contemporânea de Educação e RBLA), cujos nomes aparecem nos rodapés das páginas.

Esses textos são escritos predominantemente em terceira pessoa, para garantir efeitos de objetividade e distanciamento comuns aos textos acadêmicos, mas aqui e ali vemos o narrador projetado em primeira pessoa, como nestes trechos: “Quanto ao período Moderno, o conteúdo do livro merece, **a nosso juízo**, dois destaques [...]” (Resenha A) e “**Quando qualifico** o trabalho de interdisciplinar **o faço** na saudável perspectiva do termo” (Resenha B). Essa certa quebra no efeito de distanciamento da categoria de pessoa se explica pela natureza avaliativa da resenha, que, ainda que faça uso de terceira pessoa, tem seu narrador fortemente presente nos termos avaliativos, como: “fortes atrativos para sua leitura”, “H. G. Wells expõe o texto de forma suave e agradável, mantendo uma atitude cortez com o leitor” (Resenha A); “a contribuição valiosa”, “um acurado olhar filosófico” (Resenha B); “linguagem simples e acessível”,

“foi uma boa escolha dos responsáveis pela publicação”, “Com muita clareza e didática, o autor inicia o texto” (Resenha C). Em relação à categoria temporal, destaca-se o *agora* da enunciação, esta caracterizada como próxima temporalmente da enunciação da obra resenhada. Isso porque a diferença entre a publicação do livro e da resenha é de 1 ou 2 anos (o livro resenhado na Resenha A foi editado pela primeira vez em 1922, mas o livro referenciado é de 2011. Essa distância temporal tem como explicação a natureza histórica que está em discussão na resenha). Especialmente, o enunciador se projeta no *aqui* implícito, mas é o livro e sua organização espacial que ganha foco na resenha: “O livro possui 67 capítulos, em geral curtos e escritos num estilo que se assemelha ao jornalístico.” (Resenha A); “A segunda parte do livro, apresenta várias possibilidades de trabalho com os hipertextos em sala de aula.” (Resenha C).

No nível narrativo, destaca-se a figura do destinador-manipulador como aquele que se coloca como bom leitor e conhecedor da obra que apresenta, descreve e avalia. Assim como o enunciador da resenha não acadêmica, aqui ele também é dotado de um saber-ser e um saber-fazer, que garante credibilidade ao enunciatário. Ele se ocupa do fazer-crer o destinatário dos valores de qualidade, relevância, adequação (as três resenhas recomendam positivamente as obras, mas nem sempre é assim), ao mesmo tempo em que serve de adjuvante pontuando o que deve ser observado na leitura da obra em foco. O objeto que é apresentado sempre como positivo é ofertado em manipulação por tentação a seus destinatários, como obras bibliográficas que carregam o valor de cultura e conhecimento especializado a ser desejado. A esse objeto, espera-se do sujeito uma ação de compra e leitura para conjunção com seu conhecimento, valor inscrito no objeto. O destinador-manipulador se desdobra também como julgador da obra publicada, sancionando, em geral, positivamente o fazer do seu produtor.

No nível fundamental, as resenhas acadêmicas também parecem se construir sobre a oposição entre identidade e alteridade, sendo a primeira termo abstrato para a

identificação com a obra resenhada e a própria área de conhecimento em que se inscreve, como percebemos, por exemplo, neste trecho da Resenha B, em que se percebe a relação da obra com as vivências de quem a lê e avalia: “A resposta do autor para as crises disciplinares e **nossas angústias de formadores de professores destas áreas** é encorajante”. Na Resenha A, observa-se a relação da obra avaliada com outros tipos de materiais, que se colocam como alteridade (diferente) e são disforizados (valorados negativamente): “[...] o leitor percebe o processo histórico no texto de maneira fluida, e não segmentada como muitos manuais apresentam”. Assim, a identidade é em geral euforizada e o que foge a ela, a alteridade, é disforizada marcando a avaliação crítica da obra, com indicações finais do tipo “vale a pena” ou “não vale a pena” ler X.

Em uma análise tensiva, podemos dizer que a resenha acadêmica se constrói também, como a resenha não acadêmica, entre a afetividade, mostrada nas avaliações, e a informatividade, nas informações objetivas e sintéticas sobre o conteúdo da obra em questão.

Diante dessa rápida análise semiótica, nos debruçamos sobre as componentes do gênero, procurando relacionar os resultados da análise semiótica com aspectos da estrutura composicional, temática e estilo desse gênero.

Na estrutura composicional, observamos: **apresentação** do texto científico resenhado e do seu autor, **avaliação crítica iterativa** ao longo da descrição e **recomendação explícita** geralmente ao final da exposição. A operação predominante é de debreagem enunciativa – *eu/ele, aqui, agora*, com foco na avaliação do conteúdo da obra, tendo como efeitos de sentido a relativa pessoalidade e proximidade com a obra e seu contexto, o que garante interatividade e credibilidade aos enunciatários. Ainda assim, há formalidade característica da esfera acadêmica, inclusive na realização das principais características estabilizadas do gênero. Ressalta-se, também, a consciência da natureza sintética do gênero resenha, como observamos em: “A seguir, destacam-se alguns pontos do livro, tendo-se em vista tratar-se de um número de capítulos que

inviabiliza a descrição de cada um deles no espaço de uma resenha” (Resenha A). É importante dizer, nesse sentido, que todas as resenhas analisadas têm três páginas, tratando-se, portanto, de textos acadêmicos bem curtos.

Em termos de temática, a resenha acadêmica traz a avaliação escrita de textos científicos (geralmente livros recentemente publicados) de interesse do resenhista e de sua área de conhecimento. Observa-se a tematização do saber científico, por um enunciador instituído pelo poder e saber sobre o assunto e texto lido, a partir de diversas figuras próprias da área de conhecimento contemplada no texto resenhado, funcionam como forma de estimular ou não o a leitura pelo público-alvo.

No estilo, predominam o uso de advérbios e adjetivos que denotam avaliação: “fortemente recomendável” (Resenha A). Usos como “o autor [...] tece uma rica teia de significado” (Resenha B) exemplificam vocabulário e construções menos objetivas nas avaliações, o que confere ao gênero maior liberdade em relação a outros gêneros acadêmicos, como artigo e projeto de pesquisa. O tom que prevalece é o formal, contraído da esfera acadêmica, mas flexibilizado pelo poder do resenhista de se posicionar cognitivamente e afetivamente diante do objeto.

Podemos concluir, assim, sobre o estilo da resenha acadêmica que serve ao maior conhecimento sobre um texto científico, por meio de sua descrição e avaliação por um enunciador que se coloca como especialista na área de conhecimento. Sua composição e temática orientam um tom informativo e formal ao mesmo tempo, havendo espaço para uma relativa flexibilidade e criatividade do enunciador na construção do texto.

4 Proposta para o trabalho com resenhas

Com base em experiências lecionando uma disciplina de introdução à pesquisa científica em uma universidade federal, descrevemos a seguir uma abordagem didática que adotamos no tratamento dos gêneros da esfera acadêmica. Essa disciplina prevê em sua ementa o trabalho com resumo, resenha e projeto de pesquisa, além da

introdução às questões próprias do contexto de circulação, como questões de plágio e citação.

No que diz respeito apenas às resenhas, abordamos as resenhas não acadêmicas, que são próximas da realidade dos alunos, para despertar seu interesse e atenção a algumas características do gênero. Os estudantes são provocados com a apresentação de resenhas de textos que geralmente costumam “curtir”, como uma resenha do seriado *Game of Thrones*, logo depois de ser finalizado.

Os alunos iniciam sempre por meio do contato com exemplares publicados do gênero em questão. Em seguida, com exercícios de pergunta e resposta, eles são levados a observar aspectos recorrentes dos textos em análise. Mesmo conhecendo os gêneros, eles podem tomar consciência de características formais que o estudo proporciona. Algumas questões propostas para orientar a discussão sobre resenhas não acadêmicas são:

1. Leia as duas resenhas⁶ que recebeu com atenção. Marque no texto, usando setas nas laterais, as características que você observou e que são comuns entre os textos.
2. Retire da resenha que você encontrou trechos que exemplificam:
 - a. o nível de (in)certeza do resenhador em relação à sua crítica. (Ele está certo de que o/a produto/obra é bom(a) ou ruim? Ele tem dúvidas disso? Como isso se apresenta na escolha das suas palavras?)
 - b. a crítica à(o) produto/obra resenhado(a). (A crítica é positiva? A crítica é negativa? Que palavras ou expressões indicam a crítica do resenhador?)
 - c. a importância da produto/obra. (O resenhador acredita que é relevante para o público a que se destina? Que palavras ou expressões mostram esse ponto de vista?)
3. Retire da resenha que você encontrou expressões linguísticas que indicam:

⁶ Podem ser utilizadas para o exercício resenhas não acadêmicas analisadas neste artigo ou outras.

- a. quando o resenhador está fazendo uma descrição.
 - d. quando o resenhador está fazendo uma avaliação.
4. Agora assista à vídeo-resenha do filme Bird Box (<https://www.youtube.com/watch?v=9EaIPtbfdPI>) e responda:
- a. quais as semelhanças identificadas em relação às duas resenhas escritas que você analisou?
 - e. quais as diferenças identificadas em relação às duas resenhas escritas que você analisou?
 - f. em que medida as diferenças afetam o nível de envolvimento do leitor/expectador em relação ao texto lido/assistido?
5. Em que situações comunicativas essas resenhas costumam circular e quais são os autores e leitores típicos desses textos?
6. Você acredita que esses textos passam por alguma avaliação antes de serem publicados?
7. Observe os sites em que as resenhas costumam circular. É permitido ao leitor comentar ou avaliar nesses espaços? Quais as implicações disso para a prática nas quais esses textos circulam?

Respondidas essas questões, uma discussão oral pode ser feita em sala, com a finalidade de que os estudantes compartilhem suas respostas e possam refletir sobre diferentes percepções dos colegas. O professor pode ser mediador dessa discussão, propondo novas questões e exemplos em casos de dúvidas. Para finalizar essa primeira abordagem do gênero, o professor pode apresentar de forma mais específica e esquematizada as “estabilidades” e “instabilidades” do gênero com base no exercício e na análise que previamente fez (a seguir mostraremos um caminho para isso). Como os alunos tiveram contato recente com o gênero e fizeram exercícios sobre ele, a participação costuma ser maior nessa etapa de discussão e apresentação.

Aqui entram os resultados da análise semiótica do estilo do gênero, que podem ajudar na compreensão do gênero pelo professor e do que é relevante para orientação aos alunos. Um exemplo de questões a serem mostradas aos alunos são:

- a alternância entre primeira e terceira pessoa e o efeito de flexibilidade gerado no gênero;
- predominância do presente para gerar efeito de proximidade entre autor e leitor;
- a tematização do consumo por trás de termos como “preço”, “valores” e “desconto”, por exemplo, frequentemente usados em resenhas de produtos;
- estratégias usadas pelo autor para que acreditem que ele sabe do que fala e que, portanto, tem credibilidade;
- a importância do papel julgador do resenhista, cuja avaliação é esperada pelo expectador, para decidir sobre a aquisição ou não do objeto;
- relação entre afetividade e informatividade na construção da apresentação e avaliação do objeto/produto;
- organização geral em apresentação, descrição do objeto, avaliação iterativa ao longo da descrição, recomendação explícita ou implícita no fechamento do texto, presença do espaço de comentários e de publicidades.

Assim, destacamos que não necessariamente o professor precisa utilizar a metalinguagem da semiótica e do estilo do gênero, como em nossa análise, mas sim os resultados desse estudo no que fiz respeito à apreensão dos sentidos dos textos, das recorrências e variâncias próprias do gênero.

Nos encontros seguintes, aborda-se a resenha acadêmica, que, em termos composicionais, mantém e estabiliza características da resenha não acadêmica já apresentada. Ter trabalhado antes com a resenha não acadêmica dará segurança aos estudantes, que devem começar a criar relações entre os gêneros, sua esfera e práticas sociais.

Como no tratamento da resenha não acadêmica, começa-se com o contato inicial com textos do gênero que circulam em situações efetivas de comunicação social. Em

atividade em grupo, tendo cada um deles uma resenha acadêmica diferente, os alunos podem fazer o seguinte exercício tendo como ponto de partida a leitura de um texto teórico, como “Resenha”, de Motta-Roth e Hendges (2010).

Com base na leitura do texto-base, faça as atividades a seguir.

1. Leia a resenha que recebeu com atenção. Marque no texto, usando setas nas laterais, os quatro estágios da resenha: apresentar, descrever, avaliar e recomendar. Observe se essas quatro etapas estão misturadas ao longo do texto ou separadas.
2. Retire da resenha que você encontrou trechos que exemplificam:
 - a. o nível de (in)certeza do resenhador em relação à sua crítica. (Ele está certo de que o livro resenhado é bom ou ruim? Ele tem dúvidas disso? Como isso se apresenta na escolha das suas palavras?
 - g. a crítica ao livro resenhado. (A crítica é positiva? A crítica é negativa? Que palavras ou expressões indicam a crítica do resenhador?)
 - h. a importância da obra. (O resenhador acredita que a obra é relevante para a área de estudo? Que palavras ou expressões mostram esse ponto de vista?)
3. Retire da resenha que você encontrou expressões linguísticas que indicam:
 - a. quando o resenhador está fazendo uma descrição.
 - i. quando o resenhador está fazendo uma avaliação.
4. Compare a resenha que você encontrou à estrutura esquemática a seguir. Que passos são contemplados? Com base nessa observação, você considera essa resenha uma boa resenha? Por quê?

Estrutura retórica da resenha:

1 Apresentar o livro

Passo 1 informar o tópico geral do livro.

Passo 2 definir o público-alvo.

- Passo 3 dar referências sobre o autor.
 - Passo 4 fazer generalizações.
 - Passo 5 inserir o livro na disciplina (área de conhecimento).
 - 2 Descrever o livro
 - Passo 6 dar uma visão geral da organização do livro.
 - Passo 7 estabelecer o tópico de cada capítulo.
 - Passo 8 citar material extratextual.
 - 3 Avaliar partes do livro
 - Passo 9 Realçar pontos específicos.
 - 4 (Não) Recomendar o livro
 - Passo 10(a) desqualificar/recomendar o livro.
 - Passo 10(b) recomendar o livro apesar das falhas.
- (Motta-Roth; Hendges, 2010, p. 43).

Nova discussão com base nas respostas pode ser organizada e servir à avaliação formativa dos estudantes. Além de sistematizar os dados do gênero, a comparação entre a análise anterior, da resenha não acadêmica, e esta, da resenha acadêmica, podem contribuir para um olhar crítico dos alunos sobre os contextos diferentes – midiático e acadêmico. O professor pode ressaltar algumas semelhanças e diferenças, como: a estrutura composicional é semelhante, mas na resenha acadêmica geralmente não há espaço para comentários e publicidade, devido à limitação do espaço em que costumam ser divulgadas, ou seja, as revistas científicas.

Pode-se, ainda, discutir que os dois tipos de resenha estabelecem um contexto que vai do mais informal (resenha não acadêmica) ao mais formal (resenha acadêmica), contraindo do seu conteúdo subjetividade vs. objetividade e mais flexibilidade vs. maior controle.

Um exercício de escrita de resenha de uma obra recente pode ajudar os estudantes a praticarem o gênero. No nosso caso, foi proposta a leitura e resenha da obra “Multimodalidade e leituras”, organizada por Dionisio (2014)⁷. Após a escrita, foi organizada uma avaliação por pares no laboratório de informática, em que cada estudante tinha como critérios para avaliação os tópicos que orientaram a escrita, para

⁷ Em anos anteriores, já propusemos também resenha das obras *Mídia* (Chomsky, 2014) e *Língua, linguagem, linguística* (Bagno, 2014), por exemplo.

exercitarem o olhar crítico. Assim, observaram o que e como foi escrito e deixaram sugestões para revisão nas questões que o autor precisaria revisar. A avaliação final do professor buscou apresentar ainda outras sugestões para reescrita e entrega da versão final.

5 Considerações finais

Este trabalho teve dois objetivos: mostrar a proposta metodológica de estudo do estilo do gênero, a partir de um exemplo com o gênero resenha, e apresentar sua possível contribuição para auxiliar estudos no ensino superior. Na proposta didática apresentada, defendemos a importância de articular o informal ao formal, a partir do trabalho com as resenhas não acadêmicas, como de filmes, muito lidas pelos estudantes, e, em seguida, a resenha acadêmica, mais formal, de modo a tornar o contato com o gênero acadêmico mais gradativo e articulado com experiências anteriores dos estudantes.

Para alcançar esses objetivos, unimos nossa pesquisa sobre análise semiótica de gêneros, na perspectiva do estilo dos gêneros, a nossa prática de ensino na universidade, que envolve, entre as disciplinas, a introdução à pesquisa científica e o letramento acadêmico. Não é, certamente, a única forma de abordar as características dos gêneros na sala de aula, mas é uma alternativa que tem como horizonte uma análise detalhada para orientar o trabalho formativo e didático do professor.

Como resultados, obtivemos uma análise comparativa de três exemplares não acadêmicos e três acadêmicos do gênero resenha. Primeiramente, fizemos a análise semiótica (francesa) deles e depois consolidamos as componentes do gênero (bakhtinianas): estrutura composicional, temática e estilo, afirmando ao final o estilo identificado.

A resenha não acadêmica serve ao maior conhecimento sobre um objeto, por meio de sua descrição e avaliação por um enunciador que se coloca como especialista, ou pelo menos interessado, em relação a ele. Sua composição e temática orientam um

tom informativo e mais informal, promovendo a maior divulgação do objeto e interatividade no diálogo com o enunciatário.

A resenha acadêmica serve ao maior conhecimento sobre um texto científico, por meio de sua descrição e avaliação por um enunciador que se coloca como especialista na área de conhecimento. Sua composição e temática orientam um tom informativo e formal, havendo espaço para uma relativa flexibilidade e criatividade do enunciador na construção do texto.

Como percebemos, sendo variações de um mesmo gênero, há mais semelhanças do que diferenças, especialmente se considerarmos a composição e a temática. Nesse exercício de análise e comparação, espera-se que os alunos desenvolvam seu letramento, tornando mais sensível aos gêneros em suas relações com as práticas sociais em que circulam.

Referências

ANDRADE, M. L. C. V. O. **Resenha**. São Paulo: Paulistana, 2006 (Coleção Aprenda a Fazer).

ARAÚJO, C. M. de; BEZERRA, B. G. Letramentos acadêmicos: leitura e escrita de gêneros acadêmicos no primeiro ano do curso de Letras. **DIÁLOGOS – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade**, n. 9, maio/junho, 2013. DOI <https://doi.org/10.13115/2236-1499.2013v1n9p5>

BAGNO, M. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pontos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, D. P. L. de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

CHOMSKY, N. **Mídia: propaganda política e manipulação**. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DIONISIO, A. P. (org.). **Multimodalidades e Leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicações, 2014.

DISCINI, N. Discurso, gênero e estilo. *In*: BASTOS, N. B. (org.). **Língua Portuguesa: cultura e identidade nacional**. São Paulo: EDUC/ IP-PUC-SP, 2010. p. 209-223.

DISCINI, N. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015a.

DISCINI, N. Inquietações sobre o estilo. **Todas as letras Z**, v. 17, n. 2. São Paulo, p. 12-17, 2015b. DOI <https://doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v17n2p12-17>

FIORIN, J. L. A noção de texto na semiótica. **Organon**, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-176, 1995. DOI <https://doi.org/10.22456/2238-8915.29370>

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. A internet vai acabar com a língua portuguesa? **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia** [online], v. 1, n. 1. Belo Horizonte, MG: UFMG, p. 1-8, 2008. DOI <https://doi.org/10.17851/1983-3652.1.1.2-9>

GOMES, R. S. Gêneros do discurso: uma abordagem semiótica. **Alfa**, vol. 53, n. 2. São Paulo, 2009.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Nankin; Edusp, 2014.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004a.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELI, L. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004b.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELI, L. **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola, 2005.

MOTTA-ROTH; D.; HENDGES, G. R. Resenha. *In*: MOTTA-ROTH; D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo Parábola Editorial, 2010. p. 27-49.

PEREIRA, D. R. M. **Semiótica e ensino: ajustamentos sensíveis em gêneros digitais da esfera educacional**. 277f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.174776>

PEREIRA, D. R. M. **O estilo dos gêneros**: uma metodologia de análise. Estudos Semióticos [online]. Volume 17, número 1. São Paulo, abril de 2021. p. 124-140. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 31 jan. 2024.